

# Saber sair – Por Rui Rodrigues

written by Rui Rodrigues | 17 de Agosto, 2025

**OCIDADÃO**  
Journalism Online

**OPINIÃO**  
Rui Rodrigues



É o **instinto que nos prende ao conhecido**, ao previsível, ao que ainda nos parece seguro. É a tentação de prolongar uma história que já terminou, alimentando a absurda esperança de que o final possa mudar pela simples força de vontade. Mas, chega um momento em que a insistência deixa de ser persistência e passa a ser degradação. E, nesse momento, não é apenas o lugar que se perde. É a reputação que se compromete. É uma história que se apaga.

Nem sempre a **saída de uma organização** é fruto de intrigas ou de um golpe de bastidores, muito bem orquestrado. Nem sempre existe um vilão a quem apontar o dedo. Muitas vezes, existem apenas **ideias diferentes**, prioridades que já não coincidem com as nossas. E, nessas circunstâncias, é preciso ter a clareza, a visão, e a coragem de reconhecer que já não fazemos parte do

futuro que está a ser construído.

É preciso resistir à tentação de transformar esse momento num triste espetáculo de vitimização.

A verdade é que há organizações que agem com mesquinhez, ou melhor, pessoas que ocupam cargos de liderança em organizações, que escolhem o covarde caminho de desgastar em lume brando. Que se preocupam ativamente com o trabalho constante no sentido da criação de desconforto até que a saída aconteça por iniciativa do próprio profissional.

Já passei por isso.

Sei bem o que é sentir que **o tapete se afasta debaixo dos pés**, não por erro próprio, mas porque alguém decidiu que a nossa presença já não é conveniente.

Ainda assim, devemos ter a noção de que há saídas que não carregam esse peso da injustiça. Há momentos em que se trata **simplesmente de mudança**. E nesses casos, prolongar a estadia apenas para “bater o pé”, é uma desastrosa estratégia. É confundir o protagonismo com a relevância. É trocar o valor de todo o trabalho realizado, pela amargura de não aceitar que o **ciclo chegou ao fim**.

Quem sabe sair preserva a sua dignidade. **Mantém portas abertas**. E carrega em si a confiança na noção de que existem outros mundos para explorar. Mundos inteiros, cheios de novas oportunidades que nunca teriam surgido, se tivéssemos insistido em ficar onde já não havia **espaço para crescer**.

Ficar para sabotar, para *“mostrar quem manda”* ou para expressar o sentimento de desagrado, nunca será uma vitória. É autodestruição. É perder a memória do que foi construído, a honra acumulada ao longo dos anos, a rede que demorou tempo e esforço a consolidar. E, é, acima de tudo, perder a capacidade de reconhecer que a mudança, por vezes, é apenas e simplesmente mudança, e não um ataque pessoal. E não. Não se

trata de aceitar injustiças de cabeça baixa. Trata-se de medir o custo da energia gasta face ao impacto que isso terá no futuro.

Algumas lutas não foram feitas para serem ganhas. Foram feitas para serem **abandonadas em tempo útil**, antes que se transformem em guerras estéreis que tudo consomem à sua volta.

Se não te querem, não peças para ficar. Se não queres ficar, não uses o tempo que resta para destruir o que foi bom. Sai de cabeça erguida. **Com elegância**. Com a consciência tranquila de que quem sabe sair, sabe também entrar noutros lugares. E que esses lugares, mais cedo ou mais tarde, vão aparecer.

O mundo não se esgota numa porta que se fecha.  
Se não formos capazes de ver isso, então o problema não está em quem fechou a porta.

Está na incapacidade de atravessar a próxima.